

STEFAN ZWEIG, ROMAIN ROLLAND  
E A GRANDE GUERRA

*Stefan Zweig, Romain Rolland  
and the Great War*

MARIA DE FÁTIMA GIL

*mfgil@fl.uc.pt*

*Universidade de Coimbra / CITCEM*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2928-0371>

DOI

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-5\\_6](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-5_6)

*Recebido em julho de 2018*

*Aprovado em novembro de 2018*

**Biblos.** Número 5, 2019 • 3.<sup>a</sup> Série

pp. 125-146

**RESUMO.**

Em 1942, na sua autobiografia *Die Welt von Gestern* (O mundo de ontem) o famoso escritor e pacifista austríaco Stefan Zweig apresentava-se como alguém que, por via do seu cosmopolitismo, tinha conseguido resistir ao poder aglutinador do início da Grande Guerra. Esta auto-representação não correspondia, porém, ao que havia acontecido. Na realidade, a posição de Zweig fora bastante ambígua e, em grande parte, só chegara a clarificar-se graças à intervenção do autor francês Romain Rolland. No contexto de turvação e pós-verdades do século XXI, faz sentido lembrar estas maiores ou menores “falsificações” e evocar a amizade mantida por dois intelectuais de países adversários durante a Primeira Guerra Mundial. O presente trabalho centrar-se-á nos episódios desse período em que a ligação entre os dois autores mais determinante se revelou para o posicionamento artístico e humano do escritor austríaco.

**Palavras-chave:** Stefan Zweig; Romain Rolland; Grande Guerra; Pacifismo; Judaísmo.

**ABSTRACT.**

In 1942, in his autobiography *Die Welt von Gestern* (The World of Yesterday), famous Austrian writer and pacifist Stefan Zweig presented himself as someone who, owing to his cosmopolitanism, had managed to resist the agglutinating effect triggered by the beginning of the Great War. However, such self-representation was not in accordance with the facts. Instead, Zweig’s position had been quite ambiguous and, to a great extent, was only clarified by the involvement of French author Romain Rolland.

In the context of the turmoil and post-truths of the 21<sup>st</sup> century, it seems only appropriate to remember these bigger or smaller “falsifications” and evoke the friendship maintained by two intellectuals from enemy countries during the First World War. This paper will focus on a number of events of that period in which the kinship between both authors turned out to be decisive for the artistic and human stance of the Austrian writer.

**Keywords:** Stefan Zweig; Romain Rolland; Great War; Pacifism; Judaism.

## INTRODUÇÃO

Cem anos depois do primeiro conflito bélico mundial, os ventos de guerra voltam a sentir-se com violência e a Europa encontra-se, de novo, mergulhada numa crise de identidade. Não é possível ignorar os abalos económicos e sociais, as derivas nacionalistas, o avanço das forças de extrema-direita, o alastramento do chauvinismo, o regresso dos poderes político-militares e o paradoxo de uma época que assinala um século sobre o fim da Grande Guerra ao mesmo tempo que promove uma corrida ao armamento. As semelhanças com a conjuntura anterior a 1914 são preocupantes. Todavia, uma diferença parece certa: a experiência – não de uma, mas, entretanto, de duas guerras mundiais – deixou marcas indeléveis na memória colectiva e a sociedade europeia dificilmente reagiria hoje ao eclodir de outra conflagração no Velho Continente com o mesmo delírio que demonstrou naquele período.

Como se sabe, o entusiasmo foi alimentado pelo discurso intensamente nacionalista dos sectores político, militar e económico, mas também por uma considerável euforia guerreira nos domínios da arte e da cultura. Nomes conhecidos da intelectualidade de então assinaram declarações e apelos patrióticos, elaboraram literatura heróica de ocasião, apresentaram-se até como voluntários nos postos de recrutamento. Por toda a Europa, a juventude seguiu estes exemplos e aderiu em massa à concepção gloriosa e empolgante da guerra. Mas o próprio dissídio iria encarregar-se de desmentir tais representações. No Natal de 1914 – altura em que a maioria dos soldados acreditara já estar de volta a casa –, os jovens tinham descoberto que a imagem exaltante do confronto era redondamente falsa: a guerra era tão só sofrimento, terror e morte.

Em 1942, ao redigir a sua autobiografia, a que chamou *Die Welt von Gestern* (O mundo de ontem), o célebre escritor e pacifista austríaco Stefan Zweig (1881-1942) ainda se referia com assombro ao efeito aglutinador que o início da Grande Guerra tinha provocado:

Em abono da verdade, devo reconhecer que neste primeiro levantamento de massas havia algo de grandioso, de arrebatador e mesmo de sedutor, a que era difícil resistir. E apesar de todo o ódio e repulsa pela guerra, não gostaria que faltasse na minha vida a recordação daqueles primeiros dias:

nunca como então os milhares e centenas de milhar de pessoas sentiram o que teria sido preferível sentir em tempo de paz: que eram parte do mesmo todo. (Zweig, 1994: 261; 2005: 246-247)<sup>1</sup>

No que toca à sua reacção naqueles primeiros tempos, Zweig expunha a imagem de alguém que, por via do cosmopolitismo, tinha logrado resistir ao poder de tal vórtice: “Que eu próprio não tenha sucumbido a esta súbita embriaguês de patriotismo não se deve, de forma alguma, a uma sobriedade ou clarividência especiais, mas antes ao modo de vida que levava até aí.” (Zweig, 1994: 266; 2005: 251). Contudo, tais afirmações não correspondiam ao que havia acontecido. Na realidade, a atitude de Zweig fora até bastante dúbia e, em grande parte, só se clarificara graças à intervenção de um dos seus melhores amigos: o autor francês Romain Rolland (1866-1944).

No contexto de turvação e pós-verdades do século XXI, faz sentido lembrar estas maiores ou menores “falsificações” e sobretudo o vínculo que uniu dois escritores de países adversários. A estima de ambos, que está bem expressa nos respectivos *Diários* (Rolland, 1952; Zweig, 1993) e numa correspondência muito regular, mantida ao longo de trinta anos (Rolland & Zweig, 1987), tem vindo a interessar de forma crescente tanto estudiosos alemães como franceses. O presente trabalho, procurando dar a conhecer no meio académico português a investigação desses especialistas, versa apenas aqueles episódios do lapso temporal da Primeira Guerra em que a influência de Rolland se mostrou decisiva para o posicionamento ético e estético do famoso autor austríaco.

## **DO ENCONTRO ENTRE ZWEIG E ROLLAND**

Os anos iniciais do século XX foram, para Stefan Zweig, uma fase de libertação e de modesto reconhecimento institucional como escritor<sup>2</sup>. Nascido em Viena,

---

<sup>1</sup> A versão portuguesa que cito da obra, e a que ainda recorrerei, é de Gabriela Fragoso (Zweig, 2005). Todas as outras traduções neste trabalho são da minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Sobre o percurso biobibliográfico de Stefan Zweig, cf., por ex., Müller, 1994; Dines, 2005; Matuschek, 2006; Gil, 2008: 127-168; Renoldner, 2018.

no seio de uma família da alta burguesia judaica, Zweig cresceu num ambiente cosmopolita e numa sociedade que compensava o imobilismo sociopolítico do Império Austro-Húngaro com uma notável palpitação cultural, marcada pelos movimentos esteticistas do *Fin-de-siècle*. Familiarizado com os nomes mais conhecidos destas correntes, inclusive no contexto literário francês, e movendo-se entre o impressionismo, o simbolismo e o decadentismo, o jovem publicou o seu primeiro trabalho – uma colectânea de poesia – em 1901. O êxito desse volume e a recorrência com que os textos assinados por Zweig passaram a surgir no jornal mais prestigiado do Império – a *Neue Freie Presse* – firmaram-no, então, como um dos novos valores da literatura austríaca. Importante para o seu capital simbólico revelou-se ainda, a partir de 1904, o entusiasmo colocado na tradução e divulgação do escritor belga Émile Verhaeren. Sem descurar a criação própria, consagrada nesses anos à escrita teatral e novelística, Stefan Zweig iniciou, desse modo, o papel de mediador entre culturas que o iria caracterizar toda a vida. Verhaeren, por sua vez, tornou-se para ele um mentor e a afirmação impetuosa da existência que se plasma na sua obra foi fundamental para cimentar a mundivisão optimista do jovem austríaco, embora não lograsse afastá-lo do epigonismo esteticista.

Zweig era visita habitual da casa de Verhaeren, mas Caillou-qui-bique não constituía a sua única referência de europeísmo e cosmopolitismo. O muito viajado escritor vienense tinha, entretanto, estabelecido com a França uma afinidade electiva e encontrara, em Paris, uma geração de artistas que pensava e agia como ele, para além das fronteiras nacionais.

Romain Rolland, convicto paladino da ideia da Europa, não pertencia a essa geração, mas acabaria por transformar-se para ela numa referência incontornável<sup>3</sup>. Profundo conhecedor da cultura alemã, o musicólogo e escritor nascido em Clamecy ganhou notoriedade em 1903, com uma biografia sobre Beethoven. Nos anos seguintes publicou outros importantes trabalhos biográficos e ainda o ciclo romanesco em 10 volumes *Jean-Christophe*, justamente considerado a sua

---

<sup>3</sup> Sobre o percurso biobibliográfico de Romain Rolland, cf., por ex., Duchatelet, 2002; Brancy, 2011.

obra-prima. Dado à estampa entre 1904 e 1912, este romance de artista narra a história de um talentoso compositor alemão que adopta a França como segunda pátria e que, apesar de muitos obstáculos, luta pelo entendimento fraterno entre os dois países. No Verão de 1914, porém, semelhante ideal parecia irrealizável. Rolland, que nessa época se fixara na Suíça, não se poupou a esforços para chamar à razão os Estados desavindos e publicou no *Journal de Genève* o célebre manifesto anti-bélico “Au-dessus de la mêlée” (1914). Este e outros textos torná-lo-iam alvo de virulentos ataques mas faziam dele também um guia indiscutível do pacifismo e do internacionalismo na Primeira Guerra Mundial.

Stefan Zweig tinha “descoberto” Romain Rolland em 1907. A crer na sua autobiografia (Zweig, 1994: 236; 2005: 223), o autor achava-se em Florença, no atelier de uma escultora russa, e tinha começado a folhear alguns números de uma revista em francês, que ali se encontrava. Tratava-se de *Les Cahiers de la Quinzaine* e Zweig iria deparar-se com a primeira secção do romance *Jean Christophe*. A leitura posterior dos capítulos entretanto vindos a lume revelou-lhe um corajoso trabalho de aproximação espiritual entre a França e a Alemanha e provocou nele um entusiasmo de epifania:

aqui estava finalmente a obra que não se encontrava ao serviço de uma única nação europeia, mas de todas as nações e do seu entendimento fraternal; aqui estava ele, o homem, o poeta que punha em acção todas as energias morais: conhecimento com amor e sincera vontade de conhecer, sentido de justiça experimentado e depurado e uma fé ardente na missão unificadora da arte. (Zweig, 1994: 236-237; 2005: 223-224)

Anos mais tarde, em 1910, Zweig contactou Rolland, enviando-lhe a monografia sobre Verhaeren, que acabara de publicar. De Paris recebeu uma resposta muito afável, datada de 1 de Maio:

Caro Senhor Zweig

Agradeço-lhe penhoradamente pelo belo livro sobre um poeta que admiro e pelas amáveis linhas que o acompanham. Não me surpreende que sintamos simpatia um pelo outro. Desde que pela primeira vez li versos escritos por

si, sei que estamos em sintonia em diversos aspectos: na poesia dos sinos, da água, da música e do silêncio. E o senhor é um europeu. Eu também o sou, de todo o coração. Já não vem longe o tempo em que a própria Europa será uma pequena pátria e já não nos bastará. Então integraremos o pensamento de outros povos no coro poético para restabelecer a consonância harmoniosa da alma da humanidade.

Com a garantia da minha sincera estima

Romain Rolland (Rolland; Zweig, 1. Bd., 1987: 31)

Esta carta, algo retórica, de Rolland dá razão ao acadêmico Dragoljub-Dragan Nedeljković, para quem os dois autores, mais tarde ou mais cedo, teriam de se cruzar<sup>4</sup>. “O encontro entre estes dois escritores não foi acidental”, defende o estudioso, e isto não apenas porque “pertenciam já à mesma família espiritual”, mas também porque “a orientação da sua actividade concreta [os] conduzia [...] necessariamente um para o outro. Era justamente a reconciliação franco-alemã que ocupava os seus espíritos desde muito antes da guerra.” (Nedeljković, 1970: 5-6).

Desde logo, a admiração de Zweig por Rolland fê-lo pugnar pela difusão da sua obra, do mesmo modo que já tinha acontecido com Verhaeren. O jovem artista procurou laboriosamente editoras alemãs para o romance *Jean Christophe* e, depois da guerra, escreveu uma monografia sobre o autor – *Romain Rolland. Der Mann und das Werk* (Romain Rolland. O homem e a obra, 1921)<sup>5</sup>. Além disso, promoveu sessões de leitura e conferências no espaço de língua alemã, para dar voz ao intelectual que considerava “a consciência da Europa na hora decisiva”

---

<sup>4</sup> Nedeljković foi o primeiro investigador a estudar esta amizade franco-austríaca. A sua tese de doutoramento, apresentada à Universidade de Estrasburgo em 1957, mas só dada à estampa em 1970, resultou da análise da correspondência entre os dois escritores – que, à época, era ainda inédita. A publicação do seu trabalho resultou provavelmente do crescente interesse da França por Romain Rolland ao longo dos anos 60. De entre os estudos franceses dessa década sobre o autor de *Jean Christophe*, e por abordar o papel de Zweig na imagem que Rolland construiu da Alemanha durante o período da Primeira Guerra Mundial, destaco a obra de René Cheval, *Romain Rolland, L'Allemagne et la Guerre* (1963).

<sup>5</sup> Sobre esta obra, cf., por ex., Renoldner, 2011; Spedicato; Larcati, 2018.

(Zweig, 1994: 239; 2005: 226). Foi essa “hora decisiva” de 1914-1918 que uniu os dois mais estreitamente.

### DA AMIZADE NO COMEÇO DA GUERRA

No Verão de 1914, Zweig encontrava-se de férias na Bélgica, como era seu costume, e a notícia do atentado de Sarajevo não lhe pareceu razão suficiente para as interromper. Só regressou, incrédulo, a Viena, no final de Julho, quando a situação se agravou. O início das hostilidades fez vacilar a sua fé na razão e no progresso: “A história mundial é atroz vista de perto”, anotou ele no *Diário*, a 2 de Agosto (Zweig, 1993: 82). Todavia, os escritos zweiguianos de então revelam que o autor não se guiou apenas pelo ideal da humanidade. Embora de forma mais comedida do que Gerhart Hauptmann ou Richard Dehmel, que se envolveram em arrebatadas proclamações patrióticas<sup>6</sup>, Zweig também cedeu ao ideal da nação.

Assim, se lermos as notas diarísticas das primeiras semanas, elas tanto assinalam angústia e pessimismo pela recaída do ser humano na barbárie, como registam sincero júbilo pelas vitórias de alemães e austríacos (Zweig, 1993: 81-107). As cartas, por seu turno, tendem até a mostrá-lo mais aguerrido, preocupado com a sorte da Alemanha e desejoso de combater precisamente aquele que era o seu país de eleição: a França (Zweig, 1998: 13-21). Por último, as colaborações na imprensa evidenciam a que ponto ele havia aceitado a guerra e os clichés nacionalistas alemães. Como o *Diário* igualmente testemunha (Zweig, 1993: 84, 87-104), Zweig identificava-se na altura muito mais com a Alemanha do que com a sua Áustria natal (Paur, 2011: 79-81).

Um dos primeiros exemplos de tal congenialidade é o artigo “Ein Wort von Deutschland” (Uma palavra da Alemanha), vindo a lume logo no dia 6 de

---

<sup>6</sup> Para além de textos individuais, estes escritores assinaram em Setembro de 1914 o *Aufruf an die Kulturwelt* (Apelo ao mundo da cultura), mais conhecido como *Manifesto dos 93*, por se tratar de uma declaração em que noventa e três reputadas figuras das artes e das ciências alemãs incentivavam ao apoio à guerra.

Agosto, no jornal *Neue Freie Presse*<sup>7</sup>. Zweig procurava aí contrariar algum despeito de Viena pelos avanços alemães, que não tinham ainda correspondência do lado austríaco. O autor começava por expor a acção militar do Segundo Império no âmbito de uma – então bem propagandeada, diga-se – inimizade internacional. Para tanto, recorria à esfera semântica do boxe: “Com ambos os punhos, à direita e à esquerda, tem agora a Alemanha de golpear, para se desprender do duplo aperto dos seus adversários.” (Zweig, 1995: 30). Em seguida, elogiava a coligação entre a Alemanha e a Áustria-Hungria e exprimia grande confiança nas qualidades de organização, sentido do dever e disciplina do povo alemão. Na verdade, para ele, tais atributos contrastavam com a frivolidade e o desconcerto que atribuía aos austríacos, mas essa era uma opinião que reservava somente para o *Diário* (Zweig, 1993: 86-87). A concluir o artigo, Zweig frisava que a língua e a cultura comuns tornavam a aliança entre ambos os países mais verdadeira do que a dos outros contendores e apelava à total simbiose dos dois povos: “A preocupação da Alemanha é hoje una com a nossa, a sua alegria a nossa alegria e cada combatente sob as suas bandeiras um homem do nosso meio” (Zweig, 1995: 33).

Outro exemplo é uma carta aberta, dada à estampa em 19 de Setembro de 1914, no jornal alemão *Berliner Tageblatt*, sob o título “An die Freunde in Fremdland” (Aos amigos no estrangeiro). Perante os olhos do mundo, o cosmopolita Zweig afastava-se aí dos companheiros no exterior, com o argumento de que a nação – mais uma vez, alemã, entenda-se – estava acima de quaisquer amizades:

Já não somos os mesmos que éramos antes desta guerra e a separar os nossos sentimentos está o destino da nossa pátria. Estais longe de mim nestes dias, sois-me estranhos, e língua alguma, nem a nossa, nem a vossa, seria capaz de nos aproximar e de nos tornar íntimos. Adeus, meus queridos, adeus, meus companheiros! [...]

---

<sup>7</sup> Sobre este e outros artigos que Stefan Zweig publicou durante a guerra, cf., por ex., Paur, 2011 e Resch, 2018: 505-512.

Não me esqueci do que vós significáveis para mim e, no fundo ainda significais, mas nestes dias não sou o mesmo que se sentava convosco, o meu ser está, por assim dizer, transformado e aquilo que em mim é alemão inunda todo o meu sentir. [...] Hoje a bitola está alterada e cada ser humano só é autêntico pela comunhão com a sua nação. Os meus assuntos pessoais agora não interessam, não conheço amizade alguma, não posso conhecer senão a do povo inteiro, o meu amor e o meu ódio já não me pertencem. (Zweig, 1995: 42-43)

O texto não deixava de ser ambíguo, porque do mesmo passo que Zweig afirmava a dissolução da sua individualidade na causa superior do interesse nacional, asseverava a constância das suas amizades estrangeiras e o sacrifício que, para ele, significava a perda de tais ligações. Defendendo, porém, que não assistia aos intelectuais o direito de desanimar os soldados e que aquele era o tempo das virtudes da guerra, Zweig anunciava então ir remeter-se ao silêncio e convidava os amigos a fazerem o mesmo. A carta aberta terminava, no entanto, com um apelo ao reencontro depois do conflito e exortava a que, nesse momento, se continuasse o trabalho em prol da união entre os povos. As frases derradeiras eram sentimentais e veementes: “Não me esqueçais, por amor dos deveres que teremos então de cumprir, da mesma forma que eu me mantenho fiel a vós, mais do que posso demonstrar. Adeus, meus queridos, adeus, companheiros no estrangeiro, adeus, adeus!” (Zweig, 1995: 47).

Esta despedida pública suscitou de Romain Rolland uma reacção firme e imediata. A 28 de Setembro, remeteu para Viena uma carta com um único parágrafo: “Eu sou mais fiel à nossa Europa do que o senhor, caro Stefan Zweig, e não digo adeus a nenhum dos meus amigos” (Rolland, 1952: 63)<sup>8</sup>. No dia seguinte, enviou-lhe também um exemplar do libelo “Au-dessus de la mêlée”, que tinha chegado aos escaparates a 24 de Setembro.

---

<sup>8</sup> Rolland reproduziu tais palavras no seu *Diário* e, como indicado, é esse o texto que traduzo. A edição alemã da correspondência apresenta uma diferença na parte final do parágrafo, que torna a mensagem mais contundente: “e não *renego* nenhum dos meus amigos” (Rolland; Zweig, 1. Bd., 1987: 70); sublinhado meu.

Para Zweig, que assinalou no *Diário* a chegada do opúsculo como o grande acontecimento desses dias (Zweig, 1993: 108), o gesto de Rolland foi fundamental. Por um lado, mesmo tratando-se de uma admoestação, o escritor austríaco pôde, a partir daí, reatar uma amizade que lhe era sumamente preciosa. Por outro lado, confrontado com uma posição de indubitável resistência à guerra, passou a procurar nesse exemplo a força e a convicção que lhe faltavam. Não o fez, porém, clara e definitivamente.

No dia 6 de Outubro, endereçou a Rolland a sua resposta, desta feita escrita em alemão. Mais do que uma prova de nacionalismo, tratava-se de uma medida de segurança, para afastar eventuais suspeitas das autoridades. Como ele próprio explicava, as cartas para o estrangeiro podiam ser abertas e lidas pela polícia – o que, de facto, veio a acontecer neste caso (Zweig, 1998: 17, 338). Na longa missiva, Zweig agradecia a atitude de Rolland, sublinhava que a escalada do conflito os havia enredado a ambos contra vontade e realçava a circunstância de nenhum dos dois haver demonstrado, nos textos até aí vindos a lume, qualquer sinal de ódio. A par de “Au-dessus de la mêlée”, o jovem autor tinha também em mente a primeira acção pública do escritor francês, uma carta aberta a Gerhart Hauptmann, dada à estampa no dia 1 de Setembro, no *Journal de Genève*. Rolland reagira aí a uma posição nacionalista do dramaturgo alemão e exortara-o a insurgir-se contra o incêndio de Lovaina, perpetrado pelas tropas do *Reich*. Zweig pegava no assunto para tentar convencer Rolland de que as chamadas não teriam atingido grandes proporções, ao mesmo tempo que acusava a França e os seus jornais de orquestrarem uma bárbara campanha contra a Alemanha e os soldados feridos. Nessa sequência, apesar de reafirmar o silêncio como a atitude mais adequada ao não combatente, o autor vienense insistia para que Rolland falasse em defesa dos prisioneiros:

ajude os desamparados! [...] [F]ale, Romain Rolland, fale! Daqui a uns anos, irá perguntar a si próprio, quando recordarmos esta guerra: o que foi que eu levei a cabo naquela altura? [...] Os outros que componham canções de guerra, o senhor, Romain Rolland, devia apelar à bondade [...]. Poupe a dor aos sofredores e uma vergonha à sua pátria! (Rolland; Zweig, 1. Bd., 1987: 72-73; Zweig, 1998: 19)

As suas palavras, contudo, tinham algo de desajustado e oportunista. Se havia alguém que naquelas semanas se pronunciasse contra o conflito, esse alguém era Rolland. Aliás, o escritor francês não se limitava ao protesto: nesse mês de Outubro tinha entrado como voluntário na Agência Internacional de Prisioneiros de Guerra, criada em Genebra sob a égide da Cruz Vermelha Internacional.

O que fica dito não significa que a compaixão para com os soldados não preocupasse Zweig de forma genuína – sintomaticamente, o tema surgia no *Diário* logo no dia 1 de Agosto (Zweig, 1993: 82). Na carta, porém, tal assunto permitia-lhe escamotear a incoerência do texto “An die Freunde in Fremdland” (Aos amigos no estrangeiro) e, sem uma palavra sobre a reprimenda de Rolland, avançar para o seu drama pessoal no último parágrafo:

Sobre mim próprio não quero escrever nada: estou como que atordoado pelos acontecimentos! Tudo o que de trabalho me tinha proposto está interrompido, os meus nervos já não me obedecem. [...] Trata-se de uma época terrível e que exige de nós a totalidade do ser, se não nos quisermos mostrar indignos dela. (Rolland; Zweig, 1. Bd., 1987: 73; Zweig, 1998: 19)

Rolland, embora sem deixar passar a ingénua crença do autor na imprensa alemã, naturalmente parcial, retorquiu com bonomia a esta carta, satisfeito por ter conseguido – pelo menos, em parte – recuperar Zweig para a causa comum (Rolland; Zweig, 1. Bd, 1987: 74-77). Nas missivas posteriores, o intelectual francês escreveria várias vezes a palavra “coragem”, procurando animar o amigo e incentivá-lo a combater abertamente pelos ideais da Europa. Zweig, contudo, resistia ainda a assumir uma atitude inequívoca.

## **DOS EFEITOS: “DER TURM ZU BABEL”, *JEREMIAS* E OS TEXTOS ESCRITOS NA SUÍÇA**

Em Dezembro de 1914, após se ter apresentado voluntariamente para o serviço militar, Zweig foi convocado para o Arquivo do Ministério de Guerra e passou a integrar o chamado *Grupo Literário*, que assegurava tarefas jornalísticas de pro-

paganda<sup>9</sup>. Nos meses seguintes, produziu os textos oficiais de que o encarregavam e continuou a debater-se, no *Diário* e nas cartas a Rolland, com o sofrimento da guerra e com o seu próprio lugar face ao conflito. Os sinais de pacifismo só começariam a chegar ao público em 1916.

A nova atitude manifestou-se primeiramente em “Der Turm zu Babel” (A Torre de Babel), um artigo dado à estampa em Abril desse ano, em tradução francesa, na revista *Carmel*, de Genebra<sup>10</sup>. Zweig desenvolvia o argumento de que a Torre de Babel tinha sido arrasada não uma, mas duas vezes. Da primeira vez, os homens haviam-se coligado, no seu desejo de eternidade, para construir uma torre de tijolos e argamassa que alcançasse o céu. Deus rira-se de tal vaidade e lançara-os no caos das línguas, levando à destruição da torre. Daí em diante, com as diferenças linguísticas, tinham-se acentuado as fronteiras, os orgulhos nacionais, as incompreensões entre os povos. Gradualmente, porém, os seres humanos haviam recomeçado a aproximar-se e, ao fim de muitos milénios, tinham tentado levantar uma torre diferente, com a matéria do espírito e da admiração mútua. Deus, desta feita receoso do poder dos homens quando unidos pelas convicções, lançara a desinteligência e a guerra entre os países, destruindo a torre pela segunda vez. “Este é o nosso momento terrível de hoje” (Zweig, 1995: 72), comentava a voz autoral. Mas a alegoria não terminava de forma pessimista. As frases finais exprimiam a certeza de que, no futuro, os povos voltariam a unir-se e da sua colaboração em prol do progresso civilizacional iria erguer-se uma nova torre: “Talvez durante anos não nos vejamos uns aos outros a trabalhar, talvez mal ouçamos falar uns dos outros. Mas se lidarmos agora, cada um no seu lugar, com o antigo ardor, então a torre elevar-se-á de novo e, no cimo, as nações irão reencontrar-se.” (Zweig, 1995: 73).

Em “Der Turm zu Babel”, Zweig desenhava uma utopia do pós-guerra e evitava ainda a questão do conflito em si. Todavia, desde o ano anterior, uma

---

<sup>9</sup> Os escritores do grupo designavam ironicamente a sua atividade como “Heldenfrisieren” (frisar os heróis), expressão com que sublinhavam o tratamento heroizante que deles se esperava.

<sup>10</sup> A versão original surgiria um mês mais tarde, no jornal berlinense *Vossische Zeitung*, sem ter sofrido qualquer interferência da censura. Sobre “Der Turm zu Babel”, cf. Resch, 2018: 508.

perturbadora viagem de serviço à frente oriental e o início de um drama de tema bíblico alimentavam nele o distanciamento da hecatombe. Com efeito, no mês de Julho de 1915, Stefan Zweig fora incumbido de se deslocar à Galícia, recentemente reconquistada aos exércitos russos, com a missão de recolher todos os documentos que os adversários pudessem ter deixado. A travessia desse território não só confirmou ao jovem literato o impiedoso rosto da guerra, como lhe revelou também a amarga realidade dos judeus orientais, muito diferente da que ele conhecia em Viena.

Evidentemente, Zweig não ignorava o anti-semitismo do Império Austro-Húngaro. Afinal, fora um programa populista e anti-semita que, em 1897, levava o ultra-conservador Karl Lueger à presidência da Câmara da capital e o mantivera no cargo até à morte, em 1910. Mas o escritor, assimilado e com convicções religiosas pouco profundas, não se sentia afetado pelas suas raízes étnicas. A circunstância de ter nascido numa família da alta burguesia ligada à indústria ajudara-o a desenvolver essa atitude: a despeito de agressões verbais e de confrontos físicos na vida quotidiana, os interesses hebraicos na economia do Estado achavam-se salvaguardados, alguns judeus ocupavam em Viena posições importantes na administração e a relevância dos intelectuais de origem judaica na cena cultural do Império era indiscutível<sup>11</sup>. Pelas mesmas razões, Zweig estava longe de se identificar com o sionismo austro-húngaro. Em 1902, quando começara a publicar no diário *Neue Freie Presse*, Theodor Herzl – director do *Feuilleton* e principal representante daquele movimento – tinha tentado cativá-lo para a causa. O jovem, porém, sentindo-se mais ligado à Europa do que a um eventual Estado israelita, recusara<sup>12</sup>. Em última análise, o seu entendimento da condição

<sup>11</sup> Sobre a realidade dos judeus no Império Austro-Húngaro nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, cf., por ex., Beller, 1989; Wistrich, 1989 e 2007; Le Rider, 1995.

<sup>12</sup> Todavia, a descrição de Zweig, em *Die Welt von Gestern*, sobre o seu afastamento relativamente ao projecto de Herzl (Zweig, 1994: 133; 2005: 124) omite ligações anteriores a círculos sionistas. Assim, em 1901, o autor tinha dado à estampa alguns textos no principal órgão de divulgação do movimento; posteriormente, e pelo menos até 1904, colaborou com os *Jovens Judeus*, o grupo radical congregado em torno de Martin Buber, Berthold Feiwel e Ephraim Moses Lilien – autores de quem continuaria amigo por muito tempo. A este propósito, cf. Gelber, 1987: 164-170.

judaica definir-se-ia no caminho oposto ao ideário político de Herzl. O estudioso Hartmut Müller nota que, para Zweig, os judeus “são internacionais, a sua pátria é de natureza universal, espiritual. Como não estão enraizados no passado desenvolveram um talento especial que os habilita a promover o progresso geral através de novas ideias e a contrariar, dentro dos seus países, as forças destruidoras do nacionalismo.” (Müller, 1994: 64). A principal obra zweiguiana da Grande Guerra, o drama *Jeremias* (1917), já dava testemunho de tal convicção<sup>13</sup>.

Verdadeiro manifesto anti-bélico, o texto começara a tomar forma antes da viagem à frente oriental. Em Maio de 1915, Zweig anotava no *Diário*: “Penso agora na tragédia de Jeremias, que já há muito queria escrever” (Zweig, 1993: 172)<sup>14</sup>. No início de Junho chegava a um primeiro esboço e, no mês seguinte, partia para a Galícia. A traumática experiência, ao apurar a sua percepção da guerra e do sofrimento dos judeus, viria reforçar o objetivo que o norteava.

Do ponto de vista genológico, o subtítulo “Eine dramatische Dichtung in neun Bildern” (Um poema dramático em nove quadros) evocava o drama lírico que tanta fortuna alcançara no *Fin-de-siècle*. O horizonte de expectativas assim criado era, todavia, algo enganador, porque *Jeremias* não seguia o modelo do drama parco em acção e personagens, centrado na apresentação de estados de alma do protagonista, que conhecemos, por exemplo, de Hugo von Hofmannsthal ou de Maurice Maeterlink. Contudo, aproximava-se das obras destes autores pelo assumido lirismo da enunciação. A linguagem mantinha-se num registo elevado e obedecia a uma prosódia enfática e hímnica, combinando verso e prosa também para recriar o efeito solene do discurso bíblico. Romain Rolland, que incentivou Zweig ao longo de todo o trabalho, entendia que estes traços pecavam por excesso, mas considerava que a elevação moral do drama se sobrepunha a qualquer falha: *Jeremias* era, nas suas palavras, “um poema dramático muito

---

<sup>13</sup> Sobre *Jeremias*, cf., por ex., Bodmer, 2009; Plank, 2017, 2018.

<sup>14</sup> Mark H. Gelber (1987: 172) considera possível que a ideia se tivesse colocado a Zweig logo em 1902, precisamente no contexto da sua colaboração com os *Jovens Judeus*; nesse ano, a revista *Jüdische Almanach*, editada por Berthold Feiwel, publicou um número em que, para além de contributos de Zweig e de outros autores, existia uma secção dedicada a Jeremias e a formas proféticas de exposição de ideais.

nobre – um pouco oratório demais – mas pleno de grandeza” (Rolland, 1952: 1339)<sup>15</sup>.

Do ponto de vista da acção, como já acontecera num drama anterior – *Tersites* (1907) – e, de resto, voltaria a verificar-se em obras mais tardias, Zweig recorria a uma figura de segundo plano na marcha da Humanidade. Tratava-se do profeta do Velho Testamento que procurou impedir a luta entre Sedecias, rei de Jerusalém, e Nabucodonosor, rei da Babilónia. Jeremias, no texto zweiguiano, via a salvação do povo judeu não numa peleja inútil contra os caldeus, mas na renúncia ao conflito. “Com o meu corpo contra a guerra, com a minha vida pela paz!” (Zweig, 1982: 151), proclamava ele. Mas nem junto do monarca, nem junto do povo, conseguia fazer-se ouvir. Desprezado e humilhado pela multidão, que a princípio estava cega no seu ardor nacionalista e guerreiro, o anti-herói revelou-se, porém, o único capaz de enfrentar e superar a derrota. No momento da ruína, Jeremias tornou-se autoridade moral e fonte de consolo, acordando a força anímica dos sobreviventes e incentivando-os a aceitarem a dor e a expulsão de Jerusalém como caminho espiritual de redenção. Por isso, a terminar a peça e em face do renascimento da esperança no povo que partia para o exílio, um soldado caldeu exclamava atónico: “Não se pode vencer o invisível! Pode-se matar pessoas, mas não o Deus que vive nelas. Pode-se sujeitar um povo, mas nunca o seu espírito” (Zweig, 1982: 327).

O drama *Jeremias* ajudou Zweig a voltar-se para as suas origens e a desenvolver a imagem sofredora mas universalista da missão que atribuía aos judeus. Todavia, o que mais interessava ao escritor era mostrar, com este drama, a superioridade moral dos vencidos (Zweig, 1994: 293; 2005: 279). Nessa medida, o profeta Jeremias, para além de antecipar muitos dos futuros protagonistas zweiguianos, representa metonimicamente todos aqueles que eram vilipendiados durante a Grande Guerra por defenderem a paz e a fraternidade entre os povos. Zweig, em 1922, deixa perceber que Jean Jaurès poderá ter sido um dos seus modelos (Zweig, 2012: 19), mas a estudiosa Margaret Rogister chama a atenção

---

<sup>15</sup> Logo em 1918, Rolland publicou também uma recensão muito positiva à obra, sob o título “Vox clamantis... *Jeremias*, poème dramatique de Stefan Zweig”; cf. Rolland, 1920.

para o facto de o pregador que as gentes se recusam a ouvir desempenhar “um papel não muito distinto do do próprio Rolland” (Rogister, 1991: 355). O crítico Thomas Bodmer vai ainda mais longe, ao defender que a personagem constitui uma projecção do seu autor: comparando Jeremias e Erasmo – da obra zueigiana *Triumph und Tragik des Erasmus von Rotterdam* (Triunfo e tragédia de Erasmo de Roterdão, 1934) –, Bodmer afirma que “ambos vêem a verdade, mas não se conseguem impor com as suas admoestações – e Zweig entendia ambas as figuras históricas também como espelhos da sua própria situação” (Bodmer, 2009: 75).

Em Fevereiro de 1918, quando o drama *Jeremias* foi encenado em Zurique, o autor encontrava-se de licença na Suíça e conseguiu ficar no país até Março de 1919, como correspondente da *Neue Freie Presse*. Durante esse período, consolidou a reputação de grande pacifista que tinha alcançado com *Jeremias* e, sob a égide de Romain Rolland, enviou para a Áustria muitos artigos de claro pendor humanista e europeísta.

Dos vários escritos de Stefan Zweig nesta época, merece especial referência o texto a que chamou “Bekanntnis zum Defaitismus” (Profissão de fé pelo derrotismo). Fruto do pedido de colaboração que, no Verão de 1918, a revista de Zurique *Die Friedens-Warte* dirigira aos mais conhecidos autores alemães e austríacos fixados na Suíça, o artigo torna bem visível o caminho percorrido por Zweig desde que dera à estampa a carta aberta “An die Freunde in Fremdland” (Aos amigos no estrangeiro). Com efeito, se em Setembro de 1914 ele anunciara remeter-se ao silêncio, em Agosto de 1918 não só apelava abertamente à aliança contra a continuação da guerra, como o fazia também de forma polémica, sugerindo para bandeira o conceito com que então se desacreditavam os defensores da paz. Neste caso, sim, trata-se de uma provocatória “apoteose da derrota” e era dirigida a todos os pacifistas europeus, como as expressões estrangeiras no texto deixam perceber:

Tomemos [...] o vitupério dos nossos inimigos, façamos do seu insulto o nosso orgulho, do seu desprezo a nossa honra: *apelidemo-nos abertamente derrotistas! Unamo-nos no derrotismo! Sejamos negativistas! Soyons défaïtistes! Siamo disfattisti!* Dêmos à palavra o nosso sentido, tal como o

entendemos, usemo-la como uma arma e elevemo-la bem alto, para que ela cintile e arda contra a ira dos Siegfrieds da retaguarda! (Zweig, 1995: 124)

Ao contrário do que acontecera com *Jeremias*, desta vez tal perspectiva não colheu a aprovação de Rolland<sup>16</sup>. O escritor francês considerava negativo que se utilizasse a palavra “derrotista” como identificação de todos os inimigos da guerra e distanciava-se explicitamente dessa imagem pela passividade que lhe estava associada:

Não, jamais verei nesta injúria um título honorífico, e, quanto a mim, rejeito-a com todas as minhas forças. O derrotismo, quer se queira, quer não, encontra-se no plano dessa mistura de ódio e cupidez de que me pretendo afastar. E aí está no lugar mais desagradável, porque parece resignar-se à passividade. No mal, melhor seria estar activo do que passivo! Eu não sou um “não resistente”, budista ou tolstoiniano. Não me resigno de forma alguma a ser vencido. E não o aconselharei jamais a outros. [...] Não digo aos poderes que nos esmagam “Vós não vencereis o espírito”, mas sim “o espírito vencer-vos-á”. (Rolland, 1952: 1533-1534; Rolland; Zweig, 1. Bd., 1987: 360)

De novo, Rolland chamava o seu amigo à razão, desta feita acrescentando ao final de *Jeremias* uma explicitação própria, de combatividade intelectual.

## CONCLUSÃO

Romain Rolland nunca conseguiu que o autor austríaco assumisse a mesma atitude de intervenção pública e inequívoca que o caracterizava a ele, mas a proximidade que manteve com Zweig durante a Primeira Guerra Mundial revelou-se, para este, essencial. Com efeito, o autor de “Au-dessus de la mêlée” ajudou o

---

<sup>16</sup> Na verdade, o artigo suscitou ao tempo tomadas de posição muito contraditórias; cf. Resch, 2018: 509-510.

jovem vienense não só a ultrapassar o desespero pessoal causado pelo conflito, mas também a encontrar um caminho de criação atento às circunstâncias históricas e à responsabilidade moral do escritor. Se a sua origem socioeconómica e a atmosfera da viragem do século em Viena o tinham levado a ocupar, no campo literário da época, posições finisseculares epigonais, no período da Grande Guerra a sua arte alterou-se em função destas novas orientações.

O processo de recentragem e auto-construção artística em torno do pacifismo, do humanismo e da responsabilidade ética da escrita viria a consolidar-se em 1920, com o primeiro volume do ciclo *Baumeister der Welt* (Os construtores do mundo). Sob o título *Drei Meister. Balzac. Dickens. Dostojevski* (Três mestres. Balzac. Dickens. Dostoiévski), o livro abordava três grandes romancistas que, não por acaso, vinham dos países envolvidos na guerra contra a Alemanha e a Áustria-Hungria. Através destes exemplos, Zweig pretendia sublinhar a herança cultural comum e eliminar quaisquer resquícios de animosidade deixados pela conflagração. Não surpreende, portanto, que a obra fosse dedicada a Romain Rolland, o mentor que encorajara nele a sensibilidade para o papel ético dos intelectuais e para a ideia da unidade espiritual da Europa.

A par da escrita, Zweig dedicou-se também nesta altura a aperfeiçoar o seu próprio modelo de unidade europeia. Assim, dilatou a actividade de mediador cultural, redigindo textos biográficos com valor parabólico sobre figuras oriundas dos mais diversos países, publicando artigos e resenhas sobre autores seus contemporâneos, e promovendo até, na Alemanha, a edição de grandes obras da literatura europeia nas línguas em que originalmente haviam sido escritas. Além disso, empenhou-se em alargar a sua rede de contactos pessoais, quer consagrando-se a viagens frequentes, quer escrevendo missivas para todos os cantos da Europa, quer ainda recebendo em sua casa muitos dos nomes mais destacados da cultura ocidental de então.

Por tudo isto, o facto de Zweig suprimir, em *Die Welt von Gestern* (O mundo de ontem), a ambiguidade do seu comportamento no início do conflito parece-me uma “falsificação” menor, ainda que oportunista. Trata-se de uma maneira de retocar, para a posteridade, o retrato do pacifismo zweiguiano entretanto tornado célebre. Mas, a meu ver, o que fica de relevante para a história literária da Grande Guerra é o posicionamento humanista do escritor e o facto

de a sua vida e a sua literatura, depois de 1914-1918 e muito graças à amizade de Rolland, se terem transformado num libelo contra a discórdia e a destruição, em defesa da paz e da amizade entre os povos.

## BIBLIOGRAFIA

- Beller, Steven (1989). *Vienna and the Jews. 1867-1938. A cultural history*. Cambridge: CUP.
- Bodmer, Thomas (2009). “Jeremias”. Ein Bekenntnis zu Pazifismus, Humanismus und Weltbürgertum. In Joachim Brügge (Hg.), *“Das Buch als Eingang zur Welt”. Zur Eröffnung des Stefan Zweig Centre Salzburg am 28. November 2008* (67-75). Würzburg: K & N.
- Brancy, Jean-Yves (2011). *Romain Rolland. Un nouvel humanisme pour le XX<sup>e</sup> siècle*. Fabas: Un Jour Peut-être.
- Cheval, René (1963). *Romain Rolland, l’Allemagne et la Guerre*. Paris: PUF.
- Dines, Alberto (2005). *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Duchatelet, Bernard (2002). *Romain Rolland tel qu’en lui-même*. Paris: Albin Michel.
- Gelber, Mark H. (1987). Stefan Zweig und die Judenfrage von heute. In M. H. G. (Hg.), *Stefan Zweig heute* (160-180). New York, etc.: Lang.
- Gil, Maria de Fátima (2008). *Uma biografia “moderna” dos anos 30. “Magellan. Der Mann und seine Tat” de Stefan Zweig*. Coimbra: MinervaCoimbra, CIEG.
- Le Rider, Jacques (1995). Représentations de la condition juive. *Europe*, 73(794-795), 37-54.
- Matuschek, Oliver (2006). *Stefan Zweig. Drei Leben. Eine Biographie*. Frankfurt M.: Fischer.
- Müller, Hartmut (1994). *Stefan Zweig*. Reinbek H.: Rowohlt Taschenbuch.
- Nedeljković, Dragoljub-Dragan (1970). *Romain Rolland et Stefan Zweig*. Paris: Klincksieck.
- Paur, Bettina (2011). Der Feuilletonist Stefan Zweig im Ersten Weltkrieg. In Régine Battiston; Klemens Renoldner (Hg.), *“Ich liebte Frankreich wie eine zweite Heimat”. Neue Studien zu Stefan Zweig* (75-96). Würzburg: K & N.
- Plank, Eva (2017). “Ich hielt meinen Rücken denen hin, die mich schlugen” (Jes 50,6). Die biblische Prophetengestalt und ihre Rezeption in der dramatischen Dichtung *Jeremias* von Stefan Zweig. In Mark H. Gelber; Elisabeth Erdem; Klemens Renoldner (Hg.), *Stefan Zweig – jüdische Relationen. Studien zu Werk und Biographie* (101-119). Würzburg: K & N.
- (2018). “Jeremias” (1917). In Arturo Larcati; Klemens Renoldner; Martina Wörgötter (Hg.), *Stefan-Zweig-Handbuch* (128-134). Berlin, Boston: De Gruyter.

- Renoldner, Klemens (2011). Instanz über Leben und Werk. Zur Entstehung von Stefan Zweigs Rolland-Biographie. In Régine Battiston; Klemens Renoldner (Hg.), *„Ich liebte Frankreich wie eine zweite Heimat“*. *Neue Studien zu Stefan Zweig* (185-193). Würzburg: K & N.
- \_\_\_\_\_ (2018). Biografie. In Arturo Larcati; Klemens Renoldner; Martina Wörgötter (Hg.), *Stefan-Zweig-Handbuch* (1-42). Berlin, Boston: De Gruyter.
- Resch, Stephan (2018). Reden, Feuilletons, Aufsätze, Essays. Publizistik zu Politik und Zeitgeschehen. In Arturo Larcati; Klemens Renoldner; Martina Wörgötter (Hg.), *Stefan-Zweig-Handbuch* (505-520). Berlin, Boston: De Gruyter.
- Rogister, Margaret (1991). Romain Rolland. One German view. *The Modern Language Review*, 86(2), 349-360.
- Rolland, Romain (1920). Vox clamantis... *Jeremias*, poème dramatique de Stefan Zweig. In R. R., *Les précurseurs*. Paris: Éditions de l'Humanité, 127-145. Consultado a 24-09-2017, [https://fr.wikisource.org/wiki/Les\\_Pr%C3%A9curseurs\\_\(Rolland\)](https://fr.wikisource.org/wiki/Les_Pr%C3%A9curseurs_(Rolland))
- \_\_\_\_\_ (1952). *Journal des Années de Guerre. 1914-1919*. Paris: Albin Michel.
- Rolland, Romain; Zweig, Stefan (1987). *Briefwechsel 1910-1940. Erster Band. 1910-1923. Zweiter Band. 1924-1940* (Manuskriptzusammenstellung und Bearbeitung v. Waltraud Schwarze. Aus dem französischen v. Eva und Gerhard Schewe [Briefe Rollands] und Christel Gersch [Briefe Zweigs]). Berlin: Rütten & Loening.
- Spedicato, Eugenio; Larcati, Arturo (2018). Romain Rolland. Der Mann und das Werk [1921]. In Arturo Larcati; Klemens Renoldner; Martina Wörgötter (Hg.), *Stefan-Zweig-Handbuch* (461-465). Berlin, Boston: De Gruyter.
- Wistrich, Robert S. (1989). *The Jews of Vienna in the age of Franz Joseph*. Oxford: OUP.
- \_\_\_\_\_ (2007). Stefan Zweig and “The world of yesterday”. In Mark H. Gelber (Hg.), *Stefan Zweig reconsidered. New perspectives on his literary and biographical writings* (59-78). Tübingen: Niemeyer.
- Zweig, Stefan (1982). “Jeremias”. In S. Z., *Tersites. Jeremias. Zwei Dramen* (Hg. und mit Nachbemerkenungen versehen v. Knut Beck). 2. Aufl. Frankfurt M.: Fischer, 117-327.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Tagebücher* (Hg. mit Anmerkungen und einer Nachbemerkenung versehen v. Knut Beck). Frankfurt M.: Fischer Taschenbuch.
- \_\_\_\_\_ (1994). *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt M.: Fischer Taschenbuch.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Die schlaflose Welt. Aufsätze und Vorträge aus den Jahren 1909-1941* (Hg. und mit einer Nachbemerkenung versehen v. Knut Beck). Frankfurt M.: Fischer Taschenbuch.

- \_\_\_\_\_ (1998). *Briefe. 1914-1919* (Hg. Knut Beck; Jeffrey B. Berlin; Natascha Weschenbach-Feggeler). Frankfurt M.: Fischer.
- \_\_\_\_\_ (2005). *O mundo de ontem: recordações de um europeu* (Trad. Gabriela Fragoso). Lisboa: Assírio e Alvim.
- \_\_\_\_\_ (2012). Autobiographische Notiz. *Zweigsheft 07*, 15-22. Consultado a 12-09-2017, [http://www.stefan-zweig-centre-salzburg.at/pdf/zweigheft/zweigheft\\_07.pdf](http://www.stefan-zweig-centre-salzburg.at/pdf/zweigheft/zweigheft_07.pdf)

[texto escrito no antigo acordo]